



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

1

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

A VERTIGEM COMO UM SINAL DE TRANSFORMAÇÃO NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Susana Zaniolo Scotton

RESUMO

Reconhecer o valor simbólico do sintoma de vertigem permite a experiência de apropriação do ego corporal, compreendendo que a vertigem se inscreve em uma problemática de somatização. O olhar da psicoterapia corporal reichiana nos permite acompanhar o aparecimento do mecanismo, e aprofundar a compreensão da angústia associada ao sintoma. Este olhar perpassa o conceito de couraça de caráter como responsável pela inflexibilidade afetiva e corporal do organismo angustiado. Para além da compreensão analítica e reichiana, o papel do psicoterapeuta corporal focado, e que não está “balançando” em dúvidas diante da vertigem de seu paciente, faz uma presença madura que permite, desta forma, ser o suporte para tão importante mergulho, gerador de uma compreensão física e analítica transformadora do processo. Trata-se de um trabalho para compreender a dualidade entre o prazer e a angústia. Tudo se move o tempo todo, sendo a busca da estabilidade uma ilusão.

Palavras-chave: Angústia. Movimento. Prazer. Transformação. Vertigem.

O conceito de vertigem é o estado em que a pessoa tem a impressão de que tudo lhe gira em torno, ou que ela própria está girando. Esta definição remete ao pensamento de como o homem atual reage aos movimentos espontâneos da vida e da natureza. Estranha-se ainda a velocidade do tempo e muito frequentemente ouvem-se as pessoas destacarem a rapidez com que passam os dias e as horas, expressando o desajuste aos ciclos temporais e espaciais.

Esta dinâmica de busca do equilíbrio parece tratar do desejo de estabilidade e de controle que o homem contemporâneo traz como marca de sua relação com o tempo e sua cultura; no entanto, este é um movimento involuntário que desconsidera a expressão de seu próprio *self*.

Não é o desejo do indivíduo que o conduz nesta situação, pois parece estar distante dos impulsos naturais que o regeram um dia.

Segundo José Ângelo Gaiarsa (1984), escritor e precursor da Psicologia Corporal no Brasil, desejo é uma palavra vinda do latim “de-**Sid**-eiro”: Sid, do Zenda - língua indo-européia - significa estrela, conceito também utilizado na palavra sideral. Assim, seguir o desejo é seguir a estrela, é estar orientado, é ter **sentido**.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

2

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

Esse desejo não acessado gera desorientação, “des-norteia”, causa vertigem e desvitaliza. O par psíquico da vertigem é a angústia, geradora de um estado de confusão entre o caminho a seguir e a direção do desejo. Momento de bifurcação entre o desejo primário de prazer e o desejo secundário de manter-se aceito enquanto uma pessoa “educada” e contida, ou seja, recebida socialmente sem nenhuma ameaça. Estar sem direção impede que o indivíduo vivencie a sua potência real.

No entanto, a potência corporal do homem saudável caracteriza-se por força, agilidade, velocidade e formas de deslocamento no espaço, com direção. Esta potência, também chamada de libidinal, trata-se de uma força instintiva que impulsiona a nossa vida, que nos leva a buscar o que desejamos, sendo necessário ser acessada. Mas, para isso, precisa-se saber “o que” se busca e lembrar-se do conflito inerente entre instinto e cultura.

Historicamente o homem tem tentado ajustar sua liberdade com a vida civilizada, mantendo os aspectos primitivos adaptados, controlados e/ou reprimidos. Como afirma Freud (1974, p.185), o homem precisa investir parte de sua libido para tornar-se civilizado, e destaca que “[...] o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa”.

O processo civilizatório tem custado muitas manobras físicas para o homem conter os impulsos, agindo como uma contra-força que divide a nós e à nossa energia, ou melhor, enfraquecendo a direção do fluxo espontâneo.

Nosso equilíbrio depende de ritmo e de direção, de velocidade e foco, possíveis através do fluxo fluído das emoções e dos movimentos, voluntários e involuntários.

A partir das considerações acima elencadas, pretende-se nesse trabalho localizar e compreender a vertigem a partir desse contexto de polaridades entre instinto e cultura, prazer e angústia, onipotência e impotência.

Neste sentido cabe salientar observações realizadas por Pondé (2000) Como mostra este pensador, nossos ancestrais nômades podiam se movimentar, seus músculos mantinham-se ativados, seus corpos pulsantes. Dispostos a se locomoverem pela sobrevivência na busca de vida e de calor, de alimento e abrigo, longe desse sedentarismo que mantém o corpo congestionado de sensações e com emoções dificilmente identificadas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

3

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

Já fomos nômades e hoje temos nossa casa, nosso lugar na cama, na mesa, os espaços definidos no trabalho; descobrimos qual é o melhor caminho para chegarmos aos únicos lugares pelos quais circulamos. A difícil identificação da emoção é o resultado dessa paralisia que se apresenta no dia a dia do homem “adaptado”.

Se comparado ao sangue que se move, atualmente, o homem caminha pelas mesmas “artérias” e retorna pelas mesmas “veias”, mantendo obstruídos ou não explorados muitos outros caminhos. Assim, uma parte do corpo e dos órgãos está ativada em detrimento de outras paralisadas ou inativas quando o corpo não está pulsante em seu fluxo energético.

Essa paralisia, resultado da busca de desfrutar de um mundo “seguro”, afeta o sistema nervoso autônomo e inibe os movimentos involuntários que, como consequência, geraria, por exemplo, pessoas acometidas pela dificuldade de respirar profundamente enquanto caminha, com medo de ir além e transgredir os limites impostos sistemicamente pela repressão. É a natureza redesenhada pela cultura e pela civilização.

Mas, qual é o eixo ontológico do problema da vertigem enquanto um sintoma biopsíquico?

Relaciona-se a chegada da vertigem como a presença de um fantasma imaginário e bastante temido. O reconhecimento de estar equivocadamente dirigindo a vida a serviço de uma pseudo-verdade ou de uma pseudo-crença pode ser um encontro assustador com a ilusão que se alimentava como certeza.

Neste sentido, a vertigem vem acompanhada de um terror inerente à instabilidade humana, trazendo o medo da morte e da loucura: diante da possibilidade de perda parcial do controle, e ameaçando a perda total do controle do próprio corpo e da noção de si.

São mensagens opostas e sem direção que caracterizam o momento do sintoma da vertigem, que se manifesta anunciando a dúvida em dar o próximo passo; mensagens sensoriais através da propriocepção, como por exemplo, os pés avisando que está em segurança no alto do penhasco enquanto os olhos avistam o abismo (QUINODOZ, 1995).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

4

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

É este o momento de rever a direção dos acontecimentos, até agora caracterizados pela inflexibilidade. Assim, o fenômeno da vertigem toma forma na clínica psicológica, tendo o analista a função de dar a direção em terra firme.

O terapeuta assume, neste momento, a função de bússola, pois, como afirma Luís Felipe Pondé (2000), o sentimento de vertigem aproxima-se da condição de um barco à deriva, sem cais.

Poderia-se perguntar qual é o lema que se lê logo abaixo do escudo que nos possibilita compreender a vertigem. Uma resposta possível seria: “Sinto que por dentro de minha armadura me desfaço em fragilidade”.

A dimensão da angústia revela a intensidade do sintoma e a velocidade do acontecimento psíquico representado na vertigem. É possível revisitar os porões da energia recalçada a partir do sintoma da vertigem.

Estes sintomas são também movimentos enrijecidos que interferem diretamente no equilíbrio do corpo e podem ser explicados pela couraça muscular de caráter, que Gaiarsa (1984) define como sendo o conjunto dos fatores que fazem a pessoa se desnortear na colocação e na disposição do corpo, dentro da situação, em relação a metas pretendidas ou necessárias.

Assim, podemos afirmar que o aparelho motor é também um aparelho sensorial representado, diretamente, no aparelho psíquico.

Com freqüência ao se perguntar o que uma pessoa sente ela responde com elaboração mental – que é predominante nas atividades diárias -, sem conseguir identificar a emoção perturbadora. Sentimento sem identificação e angústia sem direção tem feito parte da rotina das pessoas mais aprisionadas, enrijecidas.

Segundo Reich (1989, p. 149), pode-se entender o enrijecimento como “[...] a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos [...]” Essa proteção é denominada por Reich como couraça de caráter que se forma “[...] como resultado crônico do choque entre as exigências do instinto e um mundo exterior que frustra essas exigências [...]”

Esta batalha travada frequentemente, em que a matéria (o corpo) é submetida aos sintomas consequentes da rigidez “vitoriosa” de ter se transformado em um bloco enraizado correspondente à ética, à cultura e à expectativa do grupo social.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

5

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

Assim, se queremos entender a vertigem como um indicativo de momento para se sair da rigidez, faz-se necessário entender que ela aparece num corpo biopsíquico cerceado por mecanismos de proteção. A couraça retém o fluxo de energia, aprisionando a pessoa, anacronicamente, no mundo infantil.

Esse abismo ontológico, no plano psíquico social, impede o ser humano de manter a integridade da pulsação biológica e a possibilidade de manifestar espontaneamente a essencial vida no corpo.

É neste sentido que se entende a vertigem como sinal de cura, confronto com a onipotência, sendo uma oportunidade para a autoregulação, uma simbologia do corpo indicativa da possibilidade de reaver o prazer.

Portanto, a vertigem é *um* sintoma no qual a pessoa experimenta a ilusão de movimentos em que tudo se move e o espaço é experimentado como vazio. Como afirmou Freud, uma manifestação de angústia, um distúrbio da percepção de espaço ancorado no físico e no psíquico. É por isso que pode ser vista como a descoberta de uma passagem de libertação em que o analista pode encorajar seu paciente a tornar-se um sujeito ativo a partir do desejo e ancorado em uma potência real.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

GAIARSA, José Ângelo. **Couraça muscular do Caráter**. São Paulo: Ágora, 1984.

PONDÉ, Luís Felipe. 2000. Cultura genética: vertigem ontológica e dissolução do conceito de “natureza”. **São Paulo em Perspectiva**. 2000. v. 14, n. 3, jul-set 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000300012&script=sci_arttext. Acesso em: 09 abr. 2011.

QUINODOZ, Danielle. **A vertigem**: entre a angústia e o prazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

REICH, Wilhelm. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Susana Zaniolo Scotton/SP – Psicóloga - CRP 06/26932. CBT em Análise Bioenergética filiada ao *International Institute of Bioenergetics Analysis* da Suíça.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

6

SCOTTON, Susana Zaniolo. A vertigem como um sinal de transformação no processo psicoterapêutico. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais.** 16º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Acesso em: ____/____/____.

Trainee em Biossíntese no Instituto Brasileiro de Biossíntese São Paulo, filiado ao IFB (*International Foundation for Biosynthesis*). Doutoranda em Psicologia na *Universidad Del Salvador* – Buenos Aires. Diretora do Raiz – Instituto de Psicologia Corporal de Araraquara/SP.

E-mail: susanascotton@hotmail.com